

UM SANTO PARA O NOSSO TEMPO

SÃO GASPAR BERTONI



PE. LIDIO ZAUPA

Tradução: Pe. Benedito A Bettini

1991

Nada obsta

+ Dom. José Alberto Moura C.S.S.
Uberlândia, 04/11/91

Título original:

GASPARE BERTONI un santo per il nostro tempo, P. Lídio Zaupa.

Tradução:

Pe. Benedito A. Bettini

Revisões na Internet:

A - Publicação em Março de 2002.

Índice

GASPAR, CONFORME A TRADIÇÃO.....	1
DIVISÃO AMARGA.....	1
TERNURA DE UMA FLOR.....	1
IMAGENS DE UMA TRISTEZA.....	2
ENTRE DORES E ALEGRIAS.....	2
ADOLESCENTE “ALEGRE E ENGRAÇADO”.....	3
UM CONVITE IMPORTANTE.....	3
CORAGEM DOS VERONESES.....	3
ENTRE OS FERIDOS DO HOSPITAL.....	4
EM PREPARAÇÃO.....	5
CIDADE DE FRONTEIRA.....	5
MISSIONÁRIO DOS MENINOS.....	6
AO ORATÓRIO.....	6
OS COMPROMISSOS DO ORATÓRIO.....	7
“COORTE MARIANA”.....	8
OS “AGREGADOS”.....	8
NO CÁRCERE.....	9
CAPELÃO DO HOSPITAL.....	9
DIÁRIO OU “MEMORIAL PRIVADO”.....	9
GRANDES ALMAS.....	10
ANTICLERICALISMO.....	10
SOB A VIGILÂNCIA DA POLÍCIA.....	11
DESENLACE SOFRIDO.....	11
UMA IGREJA DIVIDIDA.....	11
SEMINÁRIO EM PERIGO.....	12
DIRETOR DE CONSCIÊNCIAS.....	12
UMA MEDITAÇÃO PARTICULAR.....	13
UM DESEJO DE VIDA COMUM.....	13
AS IRMÃS.....	14
UM MAU EXEMPLO.....	14
DOENTE.....	15
UMA HISTÓRIA FEIA.....	15
NOVAS MUDANÇAS.....	15

NA ESCOLA DE DEUS	16
AS MISSÕES AO POVO	16
NOS ESTIGMAS	17
INÍCIOS DE AUSTERIDADE	17
REFORMAS	18
AS “VISITAS” DE DEUS	18
ATRÁS DE UM CARRINHO DE MÃO	19
O POBREZINHO DOS ESTIGMAS	19
PAIXÃO PELOS JOVENS	19
ALEGRIA DE SER POBRE	20
SEM UMA QUEIXA	20
NO ALTAR DO CRUCIFIXO	21
O NOVO BISPO	21
COM PE. NICOLA MAZZA	22
PE. ROSMINI E SRA. CAMPOSTRINI	22
COMUNIDADE EM CRESCIMENTO	22
ACOLHIMENTO AMÁVEL”	23
COM A IMPOSIÇÃO DAS MÃOS	23
NA CORTE DE VIENA	24
UMA COMUNIDADE DE SANTOS	25
COMOÇÃO DO PAPA	25
OS MELROS DE PE. GRAMEGO	26
VISITA INESPERADA	26
A FLOR DO CLERO VERONÊS	26
AS CONSTITUIÇÕES	27
MORRER COMO SANTOS	28
A HERANÇA DAS VIRTUDES	29
PAI DO ESPÍRITO	29
PRECISO SOFRER	30
A GLORIFICAÇÃO	30
OS MILAGRES	31
NA ITÁLIA, NO MUNDO	31
NO BRASIL	32

GASPAR, CONFORME A TRADIÇÃO

Na tarde de 9 de Outubro de 1777, a cem metros da paróquia de S. Paulo in Campo Marzo, em Verona, às dezesseis horas em ponto, na Rua de Soto (hoje rua Nicola Mazza), a senhora Bertoni dava à luz um menino que se tornaria importante para a cidade de Verona.

Ninguém então o teria imaginado, embora muitos dos parentes o pressentissem, porque tinha sido esperado com paciência.

Mamãe Brunora já havia decidido que, se fosse menino, seu nome seria Gaspar. Entre os antepassados, outros com o mesmo nome haviam-se distinguido pelo talento e capacidade de administrar o notável patrimônio Bertoni. O último foi o avô do nosso Gaspar.

DIVISÃO AMARGA

Mamãe Brunora vinha de Sirmione, junto ao Lago de Garda, e havia trazido, junto com um considerável dote, a delicada sensibilidade e a suavidade dos traços típicos da gente do lago. Sua vida seria marcada por um profundo sofrimento, mas soube enfrentar com uma força de espírito deveras impressionante provas e dificuldades de todo gênero.

O pai Francisco, também ele tabelião para continuar uma secular tradição de família, não era um homem fácil. Duro e exigente, exerceu bem pouco a profissão porque preferia ocupar-se das muitas terras que a família possuía na região, em Illasi e Caldiero. Não foi certamente um bom administrador já que em 1781 o tio Pe. Jácomo e o irmão Antônio quiseram dividir os bens antes de vê-los dilapidados pela incapacidade desse homem rude. Iniciava assim o calvário de mamãe Brunora que teve de seguir o marido, decidido a romper com toda a parentela, e retirar-se em Gombion di Caldiero, na pequena propriedade que coube à família.

TERNURA DE UMA FLOR

A estadia nos campos durou dois anos. Foi um período feliz e sereno para o pequeno Gaspar que crescia em contato com ambiente austero e simples da vida do campo e com uma natureza que devagar começava a amar e respeitar. Não tinha possibilidade de companheiros; a atitude do pai, muitas vezes esquivo às relações com os dependentes, constrangia também Gaspar a uma vida de solidão. O espaço porém conseguia dar ao seu coração de menino panoramas infinitos e uma imensa riqueza de cores; das opacas e nuas de inverno, às delicadas e doces da primavera; do verão quente e sufocante, ao outono repleto de frutos e de colheitas.

Um acontecimento alegrou o coração de Gaspar, mais do que tudo, nesse período: no dia 18 de março de 1783 nasceu Metilde, mais que uma irmã, pela ternura e amor que Gaspar sempre demonstrou a esta flor destinada a ser precocemente transplantada para o jardim de Deus.

IMAGENS DE UMA TRISTEZA

No tardio verão daquele ano a família Bertoni, superados alguns contratemplos com a parentela, voltava para a cidade. Para o pequeno Gaspar chegou o tempo da escola... um “luxo” que nem todos podiam se permitir.

As condições de vida de Verona no final do século não eram certamente floridas; se nas casas dos ricos nada faltava, nas dos pobres se comia polenta e “se apertava a cinta”.

A maior parte dos meninos crescia pelas ruas, abandonada a si mesma; organizava-se em pequenos grupos que viviam de expedientes ou da mendicância. A escola era um privilégio das famílias abastadas que podiam pagar um professor para garantir aos filhos uma cultura conveniente.

Ao pequeno Gaspar não passavam despercebidas as imagens dos seus coetâneos com as calças remendadas, a “sarna” pruriginosa e o aspecto macilento. Uma vez, ao alfaiate da família que lhe fazia um sofisticado terno da moda, pediu escondido da mãe, um terno mais simples e austero, para não parecer muito diferente dos outros.

ENTRE DORES E ALEGRIAS

O dia 11 de novembro de 1786 marcou uma data dramática na vida de Gaspar. A varíola, que infestava Verona, não respeitava ninguém. Metilde, tenra criatura de pouco mais de três anos e meio, foi atingida pela tremenda epidemia e em breve tempo se extinguiu.

Nas últimas semanas da doença da irmã, pelo medo do contágio, Gaspar foi mantido longe da família. Quando voltou, nenhuma distração ou passatempo podia preencher o vazio deixado pelos gritos alegres ou os amuos apenas encenados de Metilde. Foi uma dura prova para Gaspar, ligado profundamente à irmã porque ela havia preenchido sua solidão.

Um outro acontecimento familiar influiu muito, por tabela, na formação do caráter: a incapacidade do pai de administrar o patrimônio da família que havia aumentado notavelmente com a herança recebida dos tios paternos, o tabelião Inácio e o sacerdote Pe. Jácomo, falecidos nos primeiros meses de 1787. A pesada situação incidiu sobretudo na mãe que, depois da morte da pequena Metilde, perdera o gosto pela vida; seu aspecto era freqüentemente marcado pela tristeza.

Talvez por causa disso Gaspar parecia um menino tímido e indolente em algumas circunstâncias. Mas bastava um instrumento musical entre suas mãos ou os espaços infinitos dos campos para vê-lo novamente brilhante e ativo. Jamais teve problemas no seu currículo escolar; todos seus professores falam dele como um jovem bom e capaz, particularmente sensível no campo musical.

No final de 1788 Gaspar recebeu a primeira Comunhão. A lembrança daquele encontro permaneceu viva durante a vida, tanto que vinte anos mais tarde, já sacerdote, anotava no seu “Memorial Privado”: “Grandíssima devoção e afeto como no dia da primeira Comunhão, e que nunca havia tido depois”.

ADOLESCENTE “ALEGRE E ENGRAÇADO”

A adolescência de Gaspar foi mais serena que a infância. A vida do bairro o interessava muito, como por outro lado a escola. Depois de haver freqüentado regularmente as classes de “Gramática” (Primeiro Grau), iniciou os estudos de “Humanidade” às portas dos quinze anos.

Dos testemunhos de alguns companheiros, se descobre o jovem Gaspar muito diferente do menino tímido do tempo da infância. Sua inteligência e suas capacidades fizeram dele um líder “alegre e engraçado”, como anota o companheiro Pe. João Batista Conati. Sabia manter a companhia alegre com gracinhas e imitações de personagens importantes e conhecidas. A paixão pela música o levava a organizar com os colegas concertos vocais ou instrumentais, dirigidos por ele. Já havia feito um nome e sabia reunir amigos também fora do âmbito escolar.

O que surpreendia, todavia, era o seu especial interesse pelo mundo da gente pobre. Com os que o seguiam (e eram muitos já naquele tempo) e depois do encontro alegre entre o piano e a flauta, gostava de terminar o dia junto à casa desmornada de um pobre ou o leito de um doente.

A profunda formação espiritual que recebeu de Pe. Luís Fortis (que mais tarde se tornou o primeiro geral da reconstituída Companhia de Jesus) o havia apaixonado pela Eucaristia. Desde adolescente jamais faltava à sua visita cotidiana à igreja; era o meio mais seguro para colocar aos pés do tabernáculo suas alegrias e esperanças e encontrar a força para superar as dificuldades típicas da adolescência.

UM CONVITE IMPORTANTE

Terminados os estudos de Humanidade, abriram-se para Gaspar muitas perspectivas.

O pai, nesse meio de tempo, embora continuando a prestar serviços na chancelaria da Prefeitura, ganhava sempre maior estima também no Colégio dos Tabeliões, a ponto de ser eleito como um dos “cinco Examinadores”. As dificuldades familiares pareciam, superadas e também para Gaspar chegara o tempo de tomar uma decisão.

Atraía-o muito a idéia de uma consagração religiosa e sacerdotal. Foi o pároco de São Paulo, Pe. Francisco Girardi, que convidou o jovem de dezoito anos para fazer uma doação total de sua vida ao Senhor. Gaspar viu nas palavras do pároco o convite de Deus e não mais exitou. No dia 3 de novembro de 1795 começou a freqüentar, como aluno externo, o curso de teologia no seminário.

CORAGEM DOS VERONESES

A paz que Verona desfrutava há longo tempo, estava destinada a ceder naqueles anos o lugar à violência e à guerra. As idéias revolucionárias da França jacobina chegaram até às margens do Ádige. Liberdade, igualdade de fraternidade eram sonhadas e desejadas por muitos veroneses, constringidos a viver uma situação dramática de pobreza e miséria.

Mas a passagem da reivindicação à violência era breve, por isso também em Verona explodiram tumultos e desordens.

O avanço de Napoleão na Itália setentrional parecia não encontrar obstáculos. Transposto o Apenino ligúrio em fevereiro de 1796, Bonaparte ocupou a cidade de Verona em junho do mesmo ano. O exército francês deixava na sua passagem mortos e devastações de todo gênero.

A própria Verona estava profundamente dividida entre os que sustentavam o novo messias fiador de liberdades democráticas e a antiga República vêneta que tentava por todos os meios salvar as instituições já ultrapassadas. Na luta ideológica, quem se complicava era a gente pobre, também porque os franceses não se tornaram nada simpáticos à maioria da população. É bem fácil imaginar o que provocassem as violências e as rapinas perpetradas por um exército inteiro.

Foi assim que a cidade de Verona se rebelou contra os novos “patrões”. No dia 17 de abril de 1797, segunda-feira de Páscoa, enquanto o clérigo Gaspar (poucos meses antes recebera o hábito eclesiástico e a tonsura do bispo Avogadro) acompanhava no órgão de S. Paulo a celebração das vésperas, ouviram-se os primeiros tiros de canhões. Os franceses haviam decidido bombardear a cidade. O povo veronês não perdeu ânimo. As badaladas especiais dos sinos convocaram os homens e jovens de todas as classes que, em grupos mais ou menos consistentes, iniciaram a caça aos franceses. A violência não poupou ninguém naquelas célebres “Páscoas veronesas”. No final contaram-se os mortos: mais de cem franceses e vinte e seis veroneses.

A centelha foi provocada por uma briga, surgida na praça dos Senhores, entre alguns soldados franceses e uma patrulha de cidadãos. A luta foi breve. Abandonada a si mesma pela Sereníssima (República de Veneza), Verona teve que ceder ao estrangeiro que a ocupou militarmente aos 26 de abril. Tanta coragem e tanto sangue não bastaram para conseguir uma verdadeira liberdade.

ENTRE OS FERIDOS DO HOSPITAL

Nesse tempo de violência, Gaspar encontrou um meio de tornar-se útil nos hospitais da cidade. Foi providencial a iniciativa de um padre veronês, Pe. Pedro Leonardi, que através de uma instituição por ele fundada, a “Evangélica Fraternidade”, garantia gratuitamente a assistência aos enfermos que se multiplicavam continuamente. Um dos primeiros membros foi Pe. Carlos Steeb, alemão de Tubinga, convertido do luteranismo alguns anos antes e ordenado sacerdote em Verona em 1796. Junto com essas duas corajosas figuras da Igreja veronesa do final de mil e setecentos o jovem Gaspar, com outros companheiros do seminário, passava o tempo livre nos hospitais entre feridos e doentes. A assistência noturna foi-lhe exigida mais de uma vez e ele jamais se negou. Foi um período de grande generosidade e de total dedicação; uma formação humana e cristã que, junto com o ensinamento da teologia, produziu uma mentalidade aberta a todas as necessidades da gente pobre.

EM PREPARAÇÃO

Durante o curso teológico, empenhou-se, além do estudo, também como catequista na paróquia de S. Paulo. Foram-lhe confiados os meninos que se preparavam para a primeira confissão. Seu párcico, Pe. Francisco Girardi, admirava o jovem clérigo que não se limitava às lições de catecismo, mas, com um grupo de meninos, gostava de procurar sempre novas iniciativas; um jogo em conjunto, uma parada em um oratório para uma breve oração, uma visita com um presente a um enfermo. A vocação de “missionário dos meninos” já estava claramente assinalada.

Gaspar concluiu o curso teológico aos 22 anos. Já estava maduro para uma etapa fundamental de sua vida. No dia 9 de março de 1799 recebeu a ordem do subdiaconato; um ano depois, aos 12 de abril, foi ordenado diácono.

As vicissitudes familiares voltaram a perturbar o jovem. O pai, perdido o emprego na Prefeitura quando terminou a Chancelaria dos Reitores vênets, mostrava-se sempre mais nervoso e, justamente em abril de 1800, os pais decidiram a separação de comum acordo; um drama que marcou muito Gaspar, embora jamais haja comentado.

Aos 20 de setembro, às portas dos 23 anos, depois de ter recebido licença de Veneza, capital, Pe. Gaspar foi ordenado sacerdote.

CIDADE DE FRONTEIRA

Não se podia dizer que a Igreja veronesa fosse carente de vocações naquele tempo. Só na paróquia de S. Paulo, que contava com pouco mais de dois mil e quinhentos fiéis, trabalhavam uma dúzia de padres além de numerosos religiosos. O número, porém, nem sempre faz a qualidade de uma pastoral.

A maior parte do clero estava empenhada no ensino privado junto às famílias dos nobres ou dos burgueses. Pe. Gaspar foi nomeado cooperador da paróquia de nascimento.

As tensões políticas estavam ainda vivas. O exército napoleônico havia acampado nas imediações da cidade.

O tratado de Campoformio de 17 de outubro de 1797 havia selado a “venda” do Estado Vênets à Áustria. A cidade de Verona foi ocupada pelos austríacos desde janeiro de 1798, quando as autoridades da cidade apresentaram, em uma salva de prata, as chaves ao novo procônsul imperial.

A trégua era fictícia porque as escaramuças entre os dois exércitos, austríaco e francês, eram contínuas e numerosas as batalhas para ter o domínio sobre Verona.

Pe. Gaspar, que assumiu o cuidado do mundo jovem da paróquia, encontrou-se diante de uma realidade dramática. As contínuas devastações dos exércitos haviam reduzido à miséria a maior parte da população. As promessas de liberdade, de igualdade, de bem-estar que chegavam de vez em quando de ambas as partes, eram imediatamente desmentidas por uma situação de mal-estar material e moral a que o povo estava obrigado. No meio de tudo isso quem mais sofria eram os jovens: a falta de escolas e o fechamento de toda atividade artesanal ou comercial haviam provocado desemprego e dificuldades de todo gênero. A mendicância havia se tornado comum a muitos, mesmo aos mais jovens; os trombadinhas não tinham mais número. Eram bandos de meninos e meninas que se

espalhavam pela cidade metendo medo. Foi um drama que agitou Pe. Gaspar. Não se perguntou o que podia fazer, mas começou imediatamente a interessar-se pelos jovens. Bastava um alpendre ou uma sacada para o seu desejo de bem. Não foram grandes iniciativas no início; muita atenção e disponibilidade, uma grande capacidade de entender e dialogar, pequenos gestos de solidariedade.

Nesse ponto se vêm claramente traçadas as linhas importantes da futura obra de Bertoni, mesmo que o “santo” naquele tempo ainda não tivesse tomado consciência.

MISSIONÁRIO DOS MENINOS

As desventuras para Verona não haviam terminado. Depois de uma nova vantagem dos franceses, a cidade foi dividida em duas com o tratado de Luneville (09 de fevereiro de 1801); o Ádige (que atravessa a cidade de norte a sul com as preguiçosas enseadas que de Castel Vecchio se estendem até Ponte Pietra) se tornava o limite natural.

Aos franceses cabia o centro histórico (cerca de 36.000 habitantes); aos austríacos a margem esquerda com todos os castelos (pouco menos de 20.000 habitantes; daí o nome de “ Veronetta”). Nessa estranha situação, que não parecia encontrar saída imediata, Pe. Gaspar viu um sinal da Providência nas palavras que um dia o pároco, Pe. Girardi, lhe disse em tom decidido: “Oh, o meu Pe. Gaspar tem ares de missionário!” “Talvez”, respondeu o jovem cooperador. “Mas, entendamo-nos bem: missionário dos meninos!” “ E eu serei o missionário dos meninos”.

Os primeiros rapazes que começou a ter sob seus cuidados (uma dezena, 12 a 15 anos) eram quase todos analfabetos e já encaminhados como aprendizes de alguma profissão. Os primeiros locais que teve à disposição foram o arquivo paroquial no início e a biblioteca depois.

O jovem padre, entusiasmado com a nova missão, criava iniciativas continuamente; boas leituras para manter os rapazes unidos, sólidas exortações espirituais, momentos de entretenimento e de jogos. Nascia assim em Verona o primeiro Oratório. Os inícios não eram fáceis, embora o entusiasmo fosse grande. A balbúrdia e o vozerio dos meninos colocaram em duras provas a paciência da irmã do pároco e da empregada. Com o pretexto de urgentes reformas, forçaram o pequeno grupo a procurar um outro local.

Ao lado da igreja havia um alpendre; podia servir para os primeiros tempos. Pe. Gaspar, porém, percebia a precariedade daquela estrutura. Foi por isso que aos domingos, depois da missa e da doutrina, preferia levar o grupo para sua casa. Até a tarde ficavam todos juntos em sã alegria. Era sobretudo o jogo do dominó, muito em voga então, que os mantinha unidos. Mas era ainda a dignidade humana e a sede de bem que orientavam o jovem padre a compartilhar os mais belos momentos com aqueles rapazes. E não faltavam ocasiões de orientá-los para o bem: “Ah, se conhecêssemos só um pouco quem é Deus!” gostava de repetir. E concluía: “Amemos Deus, amemos Deus!”.

AO ORATÓRIO

Enquanto a obra crescia os espaços não mais eram suficientes porque o grupo aumentara. Eram agora três os grupos que Pe. Gaspar orientava, divididos conforme a

idade. Já que na casa paroquial não havia lugar Pe. Gaspar pensou em pedir às Irmãs Terceiras Mínimas de São Francisco de Paulo, na rua de Sotto, pouco distante de sua casa, um espaço para acolher os rapazes. Assim podia acompanhá-los todos: os menores num local próximo da sacristia das Terceiras Mínimas, os maiorzinhos na sacristia e os jovens na igreja. Em breve tempo só os jovens chegaram a quatrocentos! O compromisso se tornava cada dia mais difícil e assim foi obrigado a pedir ajuda.

Juntaram-se dois seminaristas realmente capazes: Mateus Farinati e Caetano Allegri. Com mais alguns leigos bem preparados foram superadas todas as dificuldades. O fim dos Oratórios não eram simplesmente o de participar da celebração da missa aos domingos de manhã ou ao catecismo depois do almoço para santificar a festa, mas também o de entreter os jovens por todo o dia com cantos e jogos. A esplanada em Campo Marzo ou Campo Fiore era a que servia a Bertoni: a poucos passos da paróquia, um grande espaço que podia conter centenas de rapazes. Depois do catecismo, ao entardecer, ele estava ali, com todos os seus jovens a correr e empoeirar-se, cheio de entusiasmo por aquele Reino de Deus que via crescer através de fadigas e imprevistos de todo tipo.

O interesse não terminava no domingo à tarde. Todos os matriculados no Oratório deviam distinguir-se por esforço e constância, freqüentar a escola, ou estar encaminhado para as “artes e ofícios”.

Pe. Gaspar não aceitava ociosos. Por isso se ocupava durante a semana para encontrar empregos para todos os desocupados e não sossegava enquanto não os visse colocados. O ócio jamais produziu algo de bom, ele o sabia muito bem. Os frutos foram logo percebidos. As famílias não ficavam satisfeitas enquanto seus filhos não fossem matriculados no Oratório. Os patrões, quando percebiam que um jovem era recomendado por Pe. Gaspar, ficavam felizes em recebê-lo em sua oficina.

OS COMPROMISSOS DO ORATÓRIO

As iniciativas se multiplicavam. Acontecia muitas vezes, por exemplo, que era preparada uma espécie de “exposição de artes e ofícios”. Assim quem trabalhava como alfaiate devia apresentar um novo modelo de roupa, quem trabalhava de ferreiro uma nova fechadura, quem como sapateiro um par de sapatos, quem como pintor um quadro. Os vencedores (sempre muitos porque a criatividade era muito variada) eram saudados com um caloroso salva de palmas entre exclamações de “bravo” e “viva” dos oratorianos. As “obras de arte” eram depois expostas em um local adaptado para que pudessem ser admiradas e louvadas por todos. Para Pe. Gaspar o objetivo último era o de levar os rapazes à freqüência dos sacramentos. O encontro com Deus era o motivo de todo seu trabalho. Assim jamais faltava, no final dos jogos, uma visita na igreja a Jesus na Eucaristia; aqui se encontrava a força para viverem em paz.

Ninguém devia faltar à missa dominical e ao catecismo; eram obrigações que se tornaram categóricas, nos dias de festa, para todos os inscritos. Também se insistia continuamente sobre a pureza de costumes para todos e em todas as idades. “Através da pureza – dizia – se edifica no coração do homem o templo vivo do Espírito Santo; antes, o próprio corpo se torna instrumento da glória de Deus e mais ainda, sua morada”.

“COORTE MARIANA”

O Oratório de S. Paulo tornou-se famoso em toda cidade. Os mais zelosos pastores se interessaram em saber se a experiência podia ser difundida.

O trabalho estava destinado a crescer enormemente. Surgiram em breve os Oratórios de S. Estevão, dos Santos Nazário e Celso, de S. Anastácia e de S. Jorge. Havia um grupo especial de jovens, os “Agregados”, que acompanhavam Pe. Gaspar nessas expedições. Pe. Gaspar providenciou a coordenação instituindo uma estrutura particular que chamou “Coorte Mariana” pela particular proteção que havia pedido a Maria para seus jovens.

Era uma idéia que prevenia os tempos, assumida em nosso século pelo movimento da Ação Católica. De fato, a “Coorte Mariana”, era dividida em Seniores, Juniores, Alunos e Meninos que correspondem aos Seniores, Juniores, Maiores e Menores da Ação Católica de hoje.

Existem muitas outras analogias que não aprofundamos aqui.

Mas a intenção era a mesma: tornar sempre mais cristãos aqueles setores da sociedade, sobretudo no ambiente jovem, que podia tornar-se presa fácil de uma mentalidade distorcida de um certo mundo que então professava, não a liberdade, mas a libertinagem, não a igualdade mais o igualitarismo.

OS “AGREGADOS”

O empenho tornou-se ainda mais pesado quando começaram aparecer pedidos de fundações de Oratórios fora da cidade. Pe. Gaspar não se perturbou.

Os “Agregados” estavam sempre disponíveis; partiam divididos em “decúrias” (que não deviam ultrapassar as dez unidades para favorecer o sentimento de grupo) para chegar, ao destino, no entardecer.

Nas proximidades da cidade, as várias “decúrias” se recompunham para a entrada cantando os hinos da Coorte Mariana. O acolhimento era sempre vivo e festivo. Uma ceia frugal à base de polenta e feijão, algum canto e os últimos retoques do cerimonial previsto para a fundação do novo Oratório, precediam as poucas horas de sono que os jovens se permitiam, sobre um pouco de palha.

Pe. Gaspar jamais faltava e essas expedições. Não só porque acreditava firmemente na eficácia do “contato entre semelhantes” pelo qual os jovens “agregados” se tornavam apelo e modelo possível para os novos jovens que aproximavam, mas porque acompanhava com suas orações o bom êxito de cada expedição. Roubava nessas ocasiões muitas horas de sono para velar na oração e confiar à proteção dos santos no Paraíso as suas “decúrias”.

O cerimonial do dia seguinte era aberto com uma solene procissão do qual participavam os jovens oratorianos juntamente com os jovens do lugar; era quase marcha de sabor militar que escondia através do aparente porte de soldados uma firme vontade de professar a própria fé publicamente.

Chegados à igreja depois de percorrer as ruas principais da cidade, os jovens oratorianos se ajoelhavam sobre o chão nu e continuavam seus cantos e orações. A piedade popular simples e natural do povo do interior não tinha dificuldades para acolher o novo movimento. O movimento mais solene chegava quando Pe. Gaspar começava a falar do

púlpito: eram apaixonados apelos para seguir o caminho que Cristo havia traçado, convites insistentes para se colocar sob a proteção de Maria.

Para Pe. Gaspar não existiam meias medidas: um jovem que se doou a Deus, devia revelar isto claramente, com sua vida.

A agregação ao Oratório tornava-se um meio poderoso para não sentir-se sozinho. Será uma característica constante de Pe. Gaspar a de caminhar na fé sempre acompanhado: quando jovem padre com os jovens, na idade madura com uma comunidade religiosa.

NO CÁRCERE

Há uma outra atenção que não pode ser esquecida no jovem cooperador de S. Paulo: é pelos encarcerados, fechados então no vizinho convento de Santa Maria da Vitória dos Jerônimos. Também naquele tempo os cárceres estavam superlotados. Presos políticos, delinquentes comuns, menores desviados; era uma humanidade disparatada que colocada junta não fazia mais que multiplicar incômodos e violências de todo tipo. Pe. Gaspar era familiar aos encarcerados; suas visitas eram aguardadas com ansiedade. Seu biógrafo lembra que “nos cárceres visitava e confortava o transviado, e com a doçura da exortação e da instrução, o levava não somente a suportar com paciência o castigo merecido, mas a agradecer o Senhor porque, na sua sabedoria e caridade, serviu-se daquele meio para reconduzi-lo ao caminho certo, dando-lhe uma liberdade maior: a graça de Deus”.

CAPELÃO DO HOSPITAL

Em 1806 as autoridades públicas decidiram abrir um pequeno hospital perto da Torre del Batello della Vittoria, para os presos doentes.

Não podia dispor de dinheiro vivo. Os fundos que a “Caixa Real” havia destinado para os internados eram irrisórios. Para garantir o funcionamento, foi chamado o jovem Pe. Gaspar pelo interesse e o empenho que prodigalizara em favor dessa humanidade humilhada e sofredora. Se era difícil o encontro com os “sãos”, tornava-se pior com os “doentes”: toda esperança se desvanecera, multiplicavam-se as imprecações por uma vida privada de satisfações, maldizia-se a Deus por um destino tão amargo. Foi necessária toda a paciência e caridade do jovem padre para dar um pouco de serenidade a um ambiente condenado ao desespero e à morte. Não perdeu a coragem: com o médico responsável pelo cuidado dos doentes, o Dr. José Barbieri, começou um trabalho de assistência e de conforto que levou um pouco de serenidade e de resignação para tantas almas sofredoras. Não se limitava às palavras. O pouco que tinha, o empregava para fazer chegar aos mais necessitados um pouco de sopa quente de feijão ou um pouco de polenta.

DIÁRIO OU “MEMORIAL PRIVADO”

Uma atividade tão frenética poderia fazer-nos imaginar um homem de pouca oração. Não foi assim Pe. Gaspar. Além dos habituais momentos da celebração da missa, da meditação, da leitura espiritual, da recitação do Rosário e da visita eucarística, o jovem

padre sabia sacrificar os momentos do sono para aprofundar-se na contemplação do mistério de Deus. Confirmam isto as anotações que a partir de 1º de julho de 1808 confia ao seu “Memorial privado”: um diário espiritual que não ultrapassava 25 páginas no total, mas fundamental para compreender a alma deste santo. O caminho de perfeição que Pe. Gaspar se propôs como objetivo desde jovem, alcança nesse período etapas sempre mais profundas e significativas.

“Procurar somente Deus, ver Deus em todas as coisas: isto é um tornar-se superior a todas as coisas humanas” (30 de julho). É a tradução concreta, na vida, das palavras de Jesus: “Vocês estão no mundo, mas não são do mundo”.

GRANDES ALMAS

Para fixar as etapas no caminho rumo à santidade deve ter contribuído o clima de empenho social e religioso que algumas pessoas de relevo levavam avante com coragem e coerência em Verona de 1800. Vimos Pe. Gaspar ainda jovem estudante de teologia unir-se à “Evangélica Fraternidade” fundada, para assistência gratuita aos doentes, por Pe. Pedro Leonardi, que juntamente com Pe. Carlos Steeb tomou a peito o cuidado dos pobres e dos sofredores. Hoje o carisma de Pe. Leonardi continua no trabalho caritativo das “Filhas de Jesus”, enquanto o amor e a dedicação aos últimos, próprios de Pe. Carlos Steeb, encontram-se na incansável e preciosa presença junto aos enfermos de qualquer língua ou raça das “Irmãs da Misericórdia”.

Mais tarde Pe. Gaspar teve oportunidade de aproximar-se de outras duas grandes almas de Verona de então: Madalena di Canossa e Leopoldina Naudet.

No dia 8 de maio de 1808 as duas senhoras entraram juntas no convento dos Santos José e Fidêncio para começar duas obras distintas: a primeira criava o Instituto das Canossianas que cuidariam das meninas pobres e abandonadas, a segunda pensava na fundação de uma obra para a educação e formação mais de meninas de famílias abastadas e nobres.

Pe. Gaspar, com pouco mais de trinta anos, foi nomeado primeiro confessor e diretor espiritual das obras.

ANTICLERICALISMO

Cidade de fronteira, disputada por franceses e austríacos, Verona estava destinada a não conhecer uma paz duradoura ainda por diversos anos. Exércitos em ordem de guerra a atravessavam continuamente e os feridos dos vários fronts chegavam sempre mais numerosos nos vários hospitais da cidade. A derrota do príncipe Eugênio, amigo dos franceses, sobre o Isonzo aos 06 de abril de 1809, fazia pressagiar uma derrota de todo o exército francês. Muitos, sobretudo no âmbito eclesiástico, esperavam isso, também porque no ano anterior Napoleão, através do general Mollis, havia feito ocupar parte do Estado Pontifício e obrigado Pio VII ao exílio forçado em Savona. O anticlericalismo, que fundava suas raízes nas novas doutrinas do iluminismo e da revolução, ia se firmando também nas camadas mais aristocráticas da cidade.

Os contínuos sucessos militares do general Bonaparte pareciam confirmar no campo de batalha o valor das novas doutrinas.

SOB A VIGILÂNCIA DA POLÍCIA

A experiência dos Oratórios sofreu uma brusca freada ainda em maio de 1807, quando um decreto do governo italiano proibiu em todo o Reino “as confrarias, as congregações, as companhias e em geral todas as sociedades religiosas leigas...”. Pe. Gaspar teve de suprimir toda forma de organização externa e continuar a atividade somente no âmbito paroquial, também porque surgiu uma vigilância especial do diretor de polícia, Alexandre Torri, que não omitiu “desconfianças, ameaças, suspeitas, ordem de vigilância particular sobre Pe. Gaspar Bertoni”.

A redução do compromisso com os Oratórios permitia-lhe uma assistência mais contínuas aos feridos e doentes que continuavam a chegar na cidade. Agora os hospitais não eram mais suficientes para conter o número crescente dos pacientes. Foram os conventos e as igrejas que abriram então as portas para acolher os necessitados. Pe. Gaspar, que conhecia bem o francês, colocou-se à disposição da “Fraternidade dos Hospitaleiros” para qualquer necessidade.

A experiência com os feridos lhe sugerirá uma imagem plástica para o seu “Memorial privado”: “06 de março de 1809. O nosso mundo é um grande hospital de doentes: todos se queixam, mas ninguém acaba sarando mesmo quando há um remédio adequado. E este é a oração. A qual ou não se faz ou se faz normalmente mal”.

DESENLACE SOFRIDO

O seu empenho era ditado pela vontade de conformar-se em tudo a Cristo Senhor.

“Deus – escreveu no dia 16 de fevereiro de 1809 – não nos julgará segundo as máximas do mundo, nem segundo a opinião de alguns teólogos mais benignos, mas segundo o Evangelho”.

No início de 1810 Pe. Gaspar foi atingido pelo maior luto familiar: em poucas semanas a mamãe Brunora, atingida por hidropisia no peito, piorava rapidamente. O filho, sempre havia demonstrado um apego profundo à mãe, não mais deixou faltar sua presença à cabeceira da enferma. Nos últimos anos ele havia se tornado seu confessor, por isso, quando chegou o momento, Pe. Gaspar administrou-lhe os últimos sacramentos e todos os confortos da fé. A senhora Brunora Ravelli descansou serenamente às 07,30 do dia 6 de fevereiro de 1810.

UMA IGREJA DIVIDIDA

Depois da morte da mãe, Pe. Gaspar decidiu ir viver com a irmã dela, a tia Rosa Ravelli, esposa de José Scudellini, à direita do Ádige, no palacete Rizzardì, cuja fachada dá sobre a rua principal S. Firmo. Muitas coisas estavam mudando na vida de Pe. Gaspar,

também pelos acontecimentos políticos que continuavam a perturbar a Itália naquele período.

Aos 25 de abril de 1810 Napoleão, com um decreto de supressão de todas as ordens religiosas masculinas e femininas, infligia um duríssimo golpe na própria vida da Igreja. O intento era golpear as forças religiosas mais vitais para domesticá-las a sua vontade.

Os perigos daí decorrentes foram muitos. No interno da própria Igreja não faltavam divisões e defasagens; cardeais vermelhos ou negros, segundo sua adesão ao Papa ou ao imperador; sacerdotes interessados mais na carreira e na aquisição de riquezas que no serviço pastoral; fiéis desarvorados pela incredulidade e pelos maus costumes. Tornava-se cada vez mais urgente uma profunda renovação que partisse do próprio seio da Igreja.

SEMINÁRIO EM PERIGO

Verona não estava a salvo de tais perigos: no dia 26 de janeiro de 1.809 o Bispo D. Liruti (sucessor de D. Avogadro em 1.808) publicou uma carta pastoral em que proibia os sacerdotes de “usar máscaras, freqüentar teatros, comédias e bailes” sob pena de suspensão imediata “a divinis” (a proibição de exercer o ministério sacerdotal).

A própria vida do seminário tinha sido seriamente comprometida por um péssimo pró-reitor, Pe. José Velli, que foi afastado do seu cargo com a intervenção da polícia. Pe. César Bresciani, referindo-se em 1.806 à vida do seminário, escrevia: “Não se podia dizer que aquele fosse um seminário de disciplina e de justiça, mas antes uma mistura de maus costumes e de desordens”. É fácil imaginar em que situação se encontravam os seminaristas e como as feridas provocadas pelas novas doutrinas iluministas ainda estavam abertas. Foi então que o Bispo pensou em Pe. Gaspar.

No início de maio de 1.810 D. Liruti falou com Pe. Gaspar, manifestando-lhe o propósito de confiar à sua sabedoria e capacidade de discernimento a direção espiritual dos seminaristas. O nosso santo tentou a todo custo apresentar as dificuldades e os limites de sua pessoa para um cargo tão delicado, mas a firmeza do Bispo não conheceu obstáculos.

DIRETOR DE CONSCIÊNCIAS

Começou a nova obrigação com a pregação dos exercícios espirituais em setembro daquele mesmo ano. Estavam presentes 143 estudantes internos e 25 externos dos quais 60 de teologia, além de diversos sacerdotes que aproveitaram daquela ocasião para retemperar seu espírito.

Pe. Gaspar sem meios termos denunciou a situação grave de alguns eclesiásticos de vida mundana, feita de frivolidades e de vaidades.

Mas havia uma outra coisa que o aborrecia: o costume de alguns membros do clero de ir “mendigar auxílios e proteção junto aos ricos e poderosos a preço de um servilismo degradante”. Pe. Gaspar, que através da oração havia chegado a uma união com Deus verdadeiramente intensa e singular, não foi capaz de economizar duras censuras a quem não sabia dar um pouco do seu próprio tempo a Deus.

“Os seminaristas – escreveu – se exercitam nos estudos, não na oração”. E ainda: “Raríssimos são os que meditam em nossos dias mas escarnecem facilmente e tratam de “espirituais” os que ocupam desse santo exercício”.

Durante anos Pe. Gaspar desenvolveu este cargo de diretor espiritual. Junto com a confissão e o diálogo, cada domingo de manhã, no seminário, pregava a meditação.

UMA MEDITAÇÃO PARTICULAR

Na narração de um dos seus filhos espirituais mais queridos, Pe. Bragato, lê-se “Vocês sabem que o nosso venerado pai Pe. Gaspar pregou por muitos anos uma meditação de manhã, cada domingo, a todos os seminaristas. Ele ia ao seminário à tarde do dia anterior onde encontrava arrumado para ele um quarto com uma boa cama, perto da capela. Agora saibam que uma vez eu fui convidado a fazer-lhe companhia junto com Pe. Gramego. Pelas nove da noite saímos para o seminário.

Caminhando pudemos comodamente recitar em comum as orações da tarde.

Chegados ao seminário e entrando no quarto de Pe. Gaspar, depois de alguma conversa, ele mandou que Pe. Gramego e eu nos deitássemos. Deitados que fomos, Pe. Gaspar colocou-se à cabeceira do leito, disse as palavras do Salmo 49: “Apenas me deito, logo adormeço em paz” e explicando estas palavras nos fez uma daquelas reflexões que vocês conhecem, cheias de unção e de sabedoria. Isto feito, tomou o lampião, dirigiu-se para o coro da vizinha capela a fim de preparar diante do Santíssimo a meditação que deveria pregar na manhã seguinte aos seminaristas. Deixando o quarto pelas dez horas, não sei se voltou depois. Entregando-nos a um doce sono e, despertando de manhã, não vimos Pe. Gaspar senão na Capela. E creio que esse era o seu costume em todas as noites de sábado”.

A reforma do seminário não foi fácil; custou fadigas e orações contínuas a Pe. Gaspar mas deu também consolações e o historiador Sommacampagna em 1815 pode escrever: “O seminário é um mosteiro de monjes mais que de jovens eclesiásticos” pois de tal modo transparecia a ordem, a disciplina e os ideais mais sublimes dos conselhos evangélicos.

UM DESEJO DE VIDA COMUM

Em contato com estas experiências começou a clarear em Pe. Gaspar a idéia de uma fundação. Foi nesse período que com mais assiduidade ele começou a reunir em sua casa alguns sacerdotes, tomando como pretexto o estudo da teologia. Os primeiros foram Mateus Farinati, Caetano Allegri e João Maria Marani, aos quais se juntaram em seguida Nicolau Mazza e Luís Bragatto. Não eram apenas aprofundamentos bíblicos ou sobre a teologia moral de Santo Tomás ou de Santo Afonso, mas também leitura de clássicos de literatura italiana: Dante, Ariosto, Tasso. O cuidado, todavia, nunca era demais. A polícia vigiava qualquer reunião suspeita; qualquer encontro, embora fosse para distração ou divertimento, era proibido. A experiência comunitária amadurece lentamente em Pe. Gaspar o desejo de partilhar com outros padres e seminaristas um estilo de vida religiosa mais intensa. Torna-se mais clara a obra a que Deus está para chamá-lo: viver com alguns mais observantes o

espírito dos conselhos evangélicos. É extraordinária a visão profética que o acompanha; em um período em que todas as Ordens religiosas são supressas e todas as instituições católicas são colocadas de lado, ele começa uma experiência, só parcial no momento, de vida comunitária, de confronto e de empenho com alguns entre os mais zelosos eclesiásticos de então.

AS IRMÃS

Leopoldina Naudet nasceu em Florença em 1773 de pai francês e mãe austríaca, adidos à corte do grão-duque Leopoldo I da Toscana. Tornando-se com a irmã Luisa, educadora dos filhos menores do arquiduque, acompanhou Leopoldo para Viena quando este subiu ao trono imperial. Depois da morte do Imperador, transferiu-se para o palácio real de Praga para dar início em 1799 à obra das “Diletas de Jesus” que tinha a finalidade a educação das meninas nobres. Depois de muitas vicissitudes e peregrinações por toda Itália à procura de uma boa sistematização, a convite do Cônego Luís Pacífico Pacetti, Leopoldina transferiu-se em maio de 1808 para Verona para colaborar na obra que ele estava então começando para receber e educar meninas pobres da cidade. Pe. Gaspar era confessor no Retiro de S. José; por caminhos misteriosos Deus havia marcado o encontro de Bertoni e Naudet que fundariam duas instituições diferentes, a poucos metros uma da outra; quase que um único instituto, tão semelhantes por estilo, vida e campos de apostolado. Pe. Gaspar nesses anos será o diretor espiritual seguro e sábio de Leopoldina, tanto que suas orientações e conselhos serão determinantes na direção da obra das Irmãs da Sagrada Família.

UM MAU EXEMPLO

A vida de alguns padres veroneses continuava a ser pouco exemplar. O Bispo D. Liruti, homem de pulso e pastor zeloso, superando algumas hesitações que provinham do temor de intromissões e protestos leigos, recolheu alguns desses eclesiásticos no seminário, para que através da penitência e da conversão, reencontrassem as motivações profundas de sua vocação sacerdotal.

O último fato que o decidiu à dramática resolução foi uma comunicação do juiz instrutor Marani que o Bispo recebeu aos 4 de novembro de 1812. Era informado que o sacerdote Ângelo Allegri, ex-frade dos Jerônimos da Vitória, tinha sido preso por ter envenenado a própria mãe na tentativa de matar seu meio irmão. Justamente naquele ano aos 21 de abril, durante a visita pastoral à Ilha da Scala, o Bispo anotava no seu registro particular: “Allegri, de missa relaxada... Allegri vai jogar nos cafés, faz contratos mais que usurários”. Foi justamente a sede de dinheiro que sugeriu a este infeliz o envenenamento do meio irmão, rico proprietário de Pescantina. Ao invés, quem morreu por engano, foi a mãe.

DOENTE

Pe. Gaspar, no final de outubro daquele ano, foi pego por uma gravíssima doença contagiosa, a miliar, com “febre alta, constrição epigástrica e exantema morbiliforme terminando em descamação” conforme diagnosticou o médico da família, o tio Dr. Ravelli. Em poucos dias chegou à beira da morte. Na tarde do dia 25 de outubro ditou suas últimas vontades ao tabelião Gianfranco Buongiovanni presentes Pe. Nicola Galvani, Pe. Mateus Farinati, Pe. Caetano Allegri e Pe. Miguel Gramego. O seu primeiro biógrafo lembra que “embora jovem sacerdote, Pe. Gaspar era tão estimado e venerado junto ao clero, tido em tanta estima e veneração no meio do povo, que foi uma oração unânime para que o Senhor devolvesse a saúde a um ministro tão trabalhador, a uma alma tão cara e preciosa”.

Dois dias depois Pe. Gaspar estava fora de perigo. O projeto a que Deus o orientava estava apenas esboçado e não havia chegado ainda o momento da chamada definitiva.

UMA HISTÓRIA FEIA

Uma das primeiras visitas depois da doença foi ao Bispo. Quando D. Liruti o viu na casa episcopal, alegrou-se pela prova superada e lhe confiou que estava pensando em entregar à sua direção espiritual além dos seminaristas, também aqueles padres que ele havia recolhido no seminário para correção. O novo encargo o impediu de continuar o trabalho de confessor no Retiro de São José. Agora o seu interesse estava voltado quase que exclusivamente para o seminário: Deus o havia chamado para um ministério comprometido e delicado, à direção de pessoas santas, mas também de penitentes calejados.

Pe. Gaspar o experimentou diretamente quando ex-padre Ângelo Allegri foi condenado à morte pelo envenenamento da mãe. O infeliz não queria arrepender-se de modo algum. Alguns sacerdotes tentaram em vão chegar-se a ele para convencê-lo a pedir perdão a Deus. Finalmente o Vigário Geral Mons. Dionísio Dionisi decidiu recorrer a Pe. Gaspar numa extrema tentativa de reconduzir aquele infeliz à graça de Deus.

No dia 25 de junho de 1813, de manhãzinha, depois de haver celebrado a Missa e permanecer longo tempo em oração, Pe. Gaspar dirigiu-se a prisão. Quando Pe. Allegri o viu, foi de tal modo abalado pela inesperada visita que exclamou: “Eis: este é o que me coloca na graça de Deus!” O que o condenado viu naquele humilde padre desprendido, não nos é dado conhecer. Sabemos que quando Allegri era padre sacrista na igreja de Santa Maria da Vitória, teve oportunidade de conhecer diretamente o zelo e a piedade de Pe. Gaspar. Naquela manhã o ex-padre caiu de joelhos e entre lágrimas depôs o pesado fardo dos seus pecados aos pés daquele santo. Alguns dias depois, aos 8 de julho, às duas da tarde, a sentença capital foi executada na praça Navona (hoje Viviani).

NOVAS MUDANÇAS

As vicissitudes políticas estavam mudando novamente para Verona. Os revezes napoleônicos haviam determinado uma nova geografia que via agora a Áustria dominar o cenário europeu.

No dia 4 de fevereiro de 1814 os austríacos entravam como vencedores em Verona para uma tomada de posse estável. O Congresso de Viena que havia constituído o Reino Lombardo-Vêneto como associado do império austro-húngaro, foi saudado entusiasticamente pela maior parte dos veroneses. O Bispo D. Liruti agradecia com uma mensagem o Augusto Imperador Francisco I porque com a nova acomodação política havia trazido “novos céus e nova terra a Verona”. Todavia durou pouco esse entusiasmo porque o Bispo logo deu conta de quanto eram pesadas as ingerências da autoridade civil em matéria religiosa.

A mudança de situação política havia dado novo respiro a muitas iniciativas católicas. Assim reviveram também os Oratórios marianos que haviam conhecido anos de silêncio e de inatividade em toda cidade.

Com a queda do domínio francês, Pe. Gaspar se colocou novamente em atividade com os jovens. Para dizer a verdade, não havia jamais abandonado esta operação particular porque desde 1810, pouco depois da sua chegada a S. Firmo, havia começado na paróquia um Oratório mariano, embora a atividade fosse um pouco reduzida por causa das contínuas vigilâncias da polícia.

De S. Firmo, pois, partiu o impulso para a difusão dos Oratórios para toda Verona.

“Não havia igreja de nossa cidade – narra o biógrafo – paroquial ou subsidiária que não tivesse aberto um Oratório a seus próprios jovens”.

NA ESCOLA DE DEUS

A grave doença que o atingiu em 1812 não estava totalmente debelada. No verão do ano seguinte o encontramos convalescendo por breve período em Colognola ai Colli, dos condes Nichesola, seus tios. Assim em 1814, e depois em 1815, outras recaídas o fizeram compreender que sua saúde devia ser resguardada. À Naudet escreveu naquele período: “Estou melhorando devagarinho. Reze a senhora, por caridade, para que eu tire fruto da escola que o Senhor se digna dar-me” (1º de junho de 1814).

O sofrimento é visto como uma escola que Deus está oferecendo a seu aluno; um tema que se tornará querido por Bertoni porque grande parte de sua vida será marcada por sofrimentos e dores de todo gênero.

AS MISSÕES AO POVO

O ano de 1816 marcou uma mudança decisiva na vida de Pe. Gaspar. A idéia de iniciar uma experiência de vida religiosa com alguns companheiros tornava-se cada dia mais clara. Em 1814 foram ordenados quatro discípulos seus, que de vários modos, seriam profundamente ligados a ele. Eram os clérigos Nicola Mazza , João Maria Marani, Luís Bragato e Caetano Brugnoli. O primeiro criaria uma obra particular em favor dos jovens, capazes mas pobres, que de outro modo não teriam meios de completar os estudos. Os outros três estariam entre os primeiros companheiros nos Estigmas.

Em maio de 1816 uma outra experiência particular iluminou o projeto que devagarinho Deus estava revelando a Pe. Gaspar: a grande missão de São Firmo. Colaborador do Cônego Luís Pacífico Pacetti, missionário apostólico (título com que a

Santa Sé distinguia os que pregavam missões ao povo), Pe. Gaspar na ocasião soube ajudá-lo “na felicidade da exposição e o superava na unção e no arrastar o ouvinte à regeneração proposta” (Pe. César Bresciani, seu contemporâneo). O próprio Bresciani afirma como naquela circunstância viu acorrer a Bertoni, desejosos de ouvi-lo, ilustres personagens do mundo de então: Pindemonte, Del Bene, Avesani, Trevisani e Cesari. Foi uma missão que a cidade de Verona lembrou por muito tempo pelo grande bem que fez entre os fiéis. O projeto de Pe. Gaspar se enriquecia com um novo campo de apostolado: a pregação de missões ao povo.

NOS ESTIGMAS

No dia 4 de novembro de 1816, Pe. Gaspar Bertoni entrava nos Estigmas. O imóvel com a igreja anexa, foi adquirido três anos antes pelo Sr. José Bellotti, moleiro. Pertencia ao Estado que havia requisitado da “Confraria dos Estigmas de São Francisco” depois da supressão de todas as instituições católicas em 1808. O bom moleiro havia iniciado uma escola para meninos pobres da cidade em 1815, mas uma grave doença o matou em pouco tempo: aos 27 de julho de 1816, depois de haver nomeado Pe. Nicola Galvani legatário dos imóveis das Teresas, dos Estigmas e do Abandonados, faleceu com somente 31 anos de idade.

No dia 17 de agosto daquele ano, Pe. Gaspar comunicava em uma carta a Leopoldina Naudet sua alegria porque o Arcipreste Galvani lhe “havia oferecido os Estigmas para iniciar uma congregação de padres que vivam sob as regras de S. Inácio”. Ao mesmo tempo, foi oferecido as Teresas à Naudet que dava início à primeira comunidade aos 9 de novembro. A espera paciente de Pe. Gaspar e da Naudet terminara: floresciam em Verona duas novas instituições destinadas a operar um grande bem para toda a Igreja.

Com Pe. Gaspar entraram nos Estigmas, naquele frio 4 de novembro, também Pe. João Maria Marani, seu velho discípulo, e o torneiro Paulo Zanoli, com apenas 23 anos, de São Firmo. Um mês mais tarde juntava-se ao pequeno grupo também Pe. Miguel Gramego, que com seu espírito jovial será a “delícia da nascente congregação”. No dia 1º de janeiro será a vez de Pe. Mateus Farinati, mais calado, mas que servia a tudo.

INÍCIOS DE AUSTERIDADE

O começo foi difícil. A igreja e os imóveis anexos tinham necessidade de uma imediata reforma porque por muitos anos, desde a supressão da “Confraria dos Estigmas”, aqueles locais ficaram fechados e abandonados.

A pequena comunidade alojou-se na casa do guarda, atrás da igreja, no beco dos Estigmas: uma entrada inclinada com poço e cantina, uma cozinha com um amplo fogão no térreo e dois quartos no plano superior. A essas dificuldades se juntaram o frio cortante, que naquele ano se fez sentir muito cedo com gelo e neve, e uma tremenda carestia que atingiu toda Verona. A austeridade que marcou a comunidade no início, não foi casual: Pe. Gaspar a quis como distintivo por toda a vida. Por outro lado, era a primeira comunidade que nascia em Verona “segundo o estilo dos religiosos” depois da supressão napoleônica de todas as ordens.

Também os novos “patrões”, os “catolicíssimos” austríacos, não viam com bons olhos as instituições religiosas. Todavia a nova comunidade se justificava por uma obra social em que estava empenhada: uma escola para meninos pobres da cidade.

Os primeiros dias serviram para sistematizar de algum modo o ambiente e fazer as matrículas. Depois de nove dias, aos 13 de novembro, abriu-se oficialmente a escola “dos Estigmas”: 48 alunos, divididos em duas classes: uma elementar, confiada a Pe. Marani e colocada no coro da igreja, e uma classe de “latim” que Pe. Gaspar orientava na sacristia. Aqueles rapazes, aos quais ele havia dedicado os mais belos anos de suas primícias sacerdotais nos Oratórios marianos, agora os encontrava alunos de “gramática” em uma sacristia avariada. Não havia perdido o gosto pela companhia deles, pelas risadas espontâneas e barulhentas, pelas brincadeiras engenhosas e pelas respostas prontas. O que lhe importava era a formação humana e cristã daqueles rapazes, prontos a enfrentar a vida como homens de fé, dispostos também, se chamados, a seguir a Deus mais de perto. Desse primeiro pequeno grupo dois se tornaram sacerdotes mais tarde.

REFORMAS

Em março de 1817, Pe. Luís Dalla Rizza, que ocupava a casa anexa à igreja dos Estigmas, conseguiu um outro abrigo. Tornaram-se assim disponíveis alguns outros locais, muito indispensáveis para a vida da comunidade que crescia; dois pequenos quartos, uma cozinha e uma sala de reunião, chamada do Capítulo.

Na primavera daquele ano foram restaurados os vitrais da igreja e se iniciaram os trabalhos no telhado. A reforma era lenta, mesmo se, nos momentos livres, os padres trabalhavam como serventes de pedreiro para acelerar a obra.

O segundo ano dos Estigmas iniciou com oitenta alunos. O trabalho crescia e a Província enviou, em outubro de 1817, um outro padre para a nascente comunidade, Pe. Caetano Brugnoli, arquiteto, que se tornará preciosíssimo para a restauração desses pobres locais.

AS “VISITAS” DE DEUS

Freqüentes acessos de febre obrigavam Pe. Gaspar a permanecer no leito por algum tempo. O abandono à vontade de Deus manifestou-se nele sobretudo durante a doença. Jamais se rebelou, nem se queixou por esses contratempos; via-os antes como uma prova amorosa de Deus que vinha visitá-lo. Não foi o único da comunidade a ser provado. Em outubro de 1818 juntou-se ao pequeno grupo o filho predileto de Pe. Gaspar, Pe. Luís Bragato, que em junho seguinte teve que voltar à família por doença. Também Pe. Mateus Farinati, mandado cuidar dos doentes de tifo, foi atacado pela terrível doença. Voltou à aldeia natal, Alcenago, nas risonhas colinas de Valpantena, numa tentativa de cura. Foi tudo em vão. Aos 17 de setembro de 1820 falecia serenamente o primeiro mártir da caridade da pequena comunidade.

ATRÁS DE UM CARRINHO DE MÃO

Apesar destas provas a atividade apostólica dos “padres dos Estigmas” não conhecia descanso. Além da escola que contava com cerca de oitenta matriculados, os padres se dedicavam ao ministério da pregação e das confissões na paróquia de S. Firmo. No entanto, por orientação do Cônego Pacetti, Pe. Gaspar foi agraciado pela Santa Sé com o título de “Missionário apostólico”: um sinal indicativo do caminho a ser seguido pela nascente Congregação.

A igreja dos Estigmas, colocada em ordem, foi aberta ao público.

O trabalho, mesmo o manual, não havia poupado ninguém, sob a competente orientação do arquiteto Pe. Caetano Brugnoli. O próprio Pe. Gaspar, conforme a lembrança de uma testemunha ocular, foi visto muitas vezes “com o carrinho de mão fazendo as vezes de servente”. O painel do altar mor era uma preciosa pintura de um autor desconhecido e representava os esposais de Maria e José. Pe. Gaspar confiou a obra nascente à proteção deles e os indicou a seus filhos como modelos e patronos.

O POBREZINHO DOS ESTIGMAS

Aos 14 de março de 1822 entrou nos Estigmas Pe. Francisco, dos Condes Cartolari. Abandonando as riquezas e as comodidade da nobre família veronesa da qual, como primogênito, tornara-se um ano antes administrador, escolheu a pobreza dos Estigmas, fascinado pelo estilo de vida de Pe. Gaspar. Dotado de grande capacidade, preferia sempre os ofícios mais humildes, dizendo: “Este é o meu alimento!” O regime austero de vida não mudou com o novo recém-chegado. Ir. Zanoli continuou preparando seus “delicados” pratos vegetarianos. E Pe. Francisco saboreava aquele alimento sempre reduzido com um sentido de gratidão a quem oferecia. Para enrubescê-lo bastava lembra-lhe a nobreza do seu nascimento. O “pobrezinho dos Estigmas” sabia sentir-se bem diante de todas privações, porque aqui “havia encontrado o tesouro escondido no campo”.

PAIXÃO PELOS JOVENS

Aos 25 de julho de 1824 entrou Pe. Modesto Cainer. O ambiente de trabalho, depois da abertura da igreja ao público, tornou-se totalmente insuficiente também porque, em 1823, a escola chegou a formar um ginásio completo com cerca de 130 alunos. Foi então que o arquiteto Pe. Brugnoli projetou a construção e uma parte do convento para habitação dos padres. Os alunos poderiam assim dispor de salas de aula e de espaços mais amplos para todas suas atividades. A paixão pelos jovens multiplicava as iniciativas de Pe. Gaspar que decidiu instituir, a convite do pároco, também nos Estigmas um Oratório mariano. Tornou-se para os outros Oratórios da diocese um ponto de referência constante; todo domingo de manhã, à missa seguiam-se o catecismo e outras práticas de piedade.

À tarde se transformava em recreatório; aqui então se reuniam de toda cidade os rapazes que encontravam amplos espaços para seus jogos nos gramados diante da igreja dos Estigmas. No meio deles estavam sempre os padres de Pe. Gaspar para animar um jogo,

acalmar uma discussão, guiar no final as “decúrias” a caminho da igreja para fechar o dia com o canto dos hinos sagrados do Oratório.

ALEGRIA DE SER POBRE

Pe. Gaspar estava sempre atento à sua comunidade.

Com a palavra, mas sobretudo com uma vida austera e pobre, havia dado o cunho de uma experiência tipicamente “religiosa”. Porém não faltam momentos de felicidade e alegria entre os padres dos Estigmas, mesmo que o estilo de vida seja rígido e severo. Pe. Gaspar quer os seus filhos “monjes em casa e apóstolos fora”; homens de oração e de estudo para estarem preparados aos diversos tipos de apostolado ao qual são chamados. O próprio local dos Estigmas, pouco fora dos muros, mas longe dos rumores e das distrações mundanas da cidade, prestava-se para uma vida de intenso recolhimento e de silêncio. De manhã o convento que ia adquirido uma expressão cada vez mais precisa, era invadido pelos gritos alegres dos estudantes; mas à tarde tornava-se deserto. Não havia para os padres da nascente Congregação regras escritas. Era suficiente o modo de vida do Pai para guiar os primeiros passos à perfeição.

Nas memórias da comunidade de então de lê: “Á mesa, depois de um pouco de sopa temperada com toucinho, havia um pedacinho de queijo semelhante, pela forma e quantidade, a um dado comum. Pe. Gramego, com ar de gozação, chacoalhando-o no côncavo da mão como se jogasse dados, o atirava sobre a mesa dizendo: dois!seis! espalhando o tempero de uma inocente alegria sobre aquela mesa pouco risonha”.

SEM UMA QUEIXA

O ano de 1824 marcou uma outra etapa dolorosa na vida de Pe. Gaspar. A perna direita inchou rapidamente e, à altura da tíbia, apareceu um pequeno tumor que se estendeu progressivamente até o joelho. O médico, o tio José Ravelli, tentou no início a cura por meio de emplastos, mas sem resultado. Decidiu-se pela intervenção cirúrgica. Foi chamado o célebre doutor Luís Manzoni que tentou com diversas incisões debelar o mal. Os resultados foram desastrosos também pelos terríveis sofrimentos a que era submetido o paciente.

Deve ser lembrado que naquele tempo não havia nenhum tipo de anestesia; cortava-se em carne viva na medida que o paciente estava em condição de suportar. Pe. Gaspar enfrentou aquela prova com uma serenidade e com uma força de ânimo incrível. Jamais saiu uma queixa dos seus lábios, mas somente alguma invocação ou prece. Somente uma vez viram-se lágrimas molhar o seu rosto: o cirurgião, para tirar a cárie do osso, havia furado o fêmur.

As intervenções, que se repetiam a intervalos cada vez mais freqüentes, o deixavam em um estado de fraqueza extrema. A escola a que Deus o chamava, a escola do sofrimento, jamais foi vista como um castigo, mas como uma cruz preciosa que a seu tempo produziria abundantes frutos de bem.

Juntamente com longos períodos de imobilidade absoluta alternavam-se momentos em que podia parcialmente retomar sua atividade, embora reduzida. Mas o mal não o deixava.

“Estou de novo preso ao leito” – escreveu em maio de 1826 à Naudet – “Deus seja bendito! Ele me quer ferido, não morto, para que eu possa servi-lo e fazer a penitência que me é necessária”.

NO ALTAR DO CRUCIFIXO

Nos Estigmas tornaram-se tradicionais as celebrações da Paixão em todas as sextas-feiras. Depois do canto de algumas antifonas, Pe. Gaspar era conduzido na sua poltrona ao altar do Crucifixo para a meditação que durava cerca de meia hora. Seguia depois a adoração das cinco Chagas com algumas orações apropriadas.

Quem melhor do que aquele homem “chagado” e sofredor poderia penetrar na contemplação do mistério da cruz? Será este um outro típico filão da sua espiritualidade, que Pe. Gaspar quis transmitir a seus filhos.

A doença parecia não mais abandoná-lo. Em maio de 1827 escrevia: “O Senhor me mantém no leito debaixo de ferros e bisturis Bendito seja! Basta-me que Ele seja servido!”

No final daquele ano parecia que toda esperança estivesse perdida. Toda cidade de Verona mobilizou-se para pedir a graça. E a graça veio. Em fevereiro de 1828 Pe. Gaspar começou a deixar o leito. Depois de onze meses podia voltar a celebrar a Santa Missa. A convalescença foi longa.

Durante todo aquele ficou preso muitas vezes ao leito, mas no final, embora a saúde tenha continuado a ser sempre delicada, pôde retornar a uma vida normal.

O NOVO BISPO

Aos 11 de agosto de 1827 depois de um ministério pastoral apaixonado e incansável falecia D. Inocêncio Liruti. Havia dirigido a diocese de Verona por quase vinte anos, e teve o grande merecimento, graças à sua tenacidade, de renovar profundamente a instituição do seminário e de fazer um grande bem entre seus sacerdotes.

Seu sucessor, D. José Grasser, tirolês de Bressanone, entrou na cidade quase dois anos depois, aos 25 de março de 1829. As prevenções, mesmo entre o clero, não foram poucas. Além do governo civil e militar da Áustria, agora juntava-se também o eclesiástico. O novo Bispo revelou-se logo um pastor capaz e bem preparado. Naquela primavera o curso de Exercícios Espirituais ao clero foi orientado por Pe. Gaspar. O novo Bispo quis estar presente no encerramento e foi naquela ocasião que encontrou (pela primeira vez) o humilde padre dos Estigmas. Nasceu mais que uma compreensão entre os dois homens de Deus. A admiração de D. Grasser por Pe. Gaspar e sua obra era tão grande, que um dia exclamou: “Não ficaria maravilhado se, sobrevivendo ao meu Pe. Gaspar, o visse proclamado santo da Igreja e destinado às honras dos altares”.

Ir. Paulo Zanoli foi uma testemunha fiel das freqüentes visitas do Bispo a Pe. Gaspar em busca de conselhos: “Vinha de carruagem pelas quatro horas da tarde e voltava para a casa episcopal às oito”.

COM PE. NICOLA MAZZA

Já recordamos as insignes figuras de Madalena di Canossa, Carlos Steeb, Pedro Leonardi, Leopoldina Naudet, cujas obras ainda hoje continuam por todo mundo a manter atuante a caridade de Cristo. Todos, de um modo ou de outro, entraram na vida de Bertoni.

Mas a Igreja veronesa devia ainda apresentar figuras de grandes homens de Deus. Pe. Gaspar já era o diretor espiritual de Pe. Nicola Mazza há vinte anos quando, em 1829, este começou sua obra recolhendo em uma sala alugada algumas meninas pobres e confiando-as a uma boa senhora que lhes servia de mãe. Quando o número das abrigadas aumentou rapidamente, Pe. Mazza quis pedir conselho ao seu diretor espiritual que o encorajou a recebê-las e a não por limites à Providência. Em poucos anos Pe. Mazza colocou em algumas famílias mais de cento e quarenta meninas que estavam abandonadas. Um dia apresentou-se um caso especial ao empreendedor sacerdote veronês. Pe. Nicola Olivieri, um santo sacerdote de Gênova, havia resgatado da escravidão algumas meninas negras e, não sabendo a quem recorrer, confiou-as ao Pe. Mazza. Este estava decidido a recusá-las, mas o parecer de Pe. Gaspar foi diferente.

“Mas o que farei com essas escravas negras quando ficarem adultas?” objetou Pe. Mazza. “Onde poderei colocá-las se não quiserem permanecer no Instituto?” “Verá que Deus sem dúvida tomará providência”, foi a resposta de Pe. Gaspar. Estava começando uma obra que alguns decênios depois o grande Pe. Comboni levaria a termo: o instituto para as missões africanas.

PE. ROSMINI E SRA. CAMPOSTRINI

Alguns anos antes também Pe. Antônio Rosmini, de Rovereto, visitara Pe. Gaspar para pedir-lhe conselho sobre a fundação dos seus “sacerdotes da caridade”. A sugestão foi feita por Madalena di Canossa que havia encaminhado o insigne filósofo ao humilde padre dos Estigmas porque mantinha no coração o sonho de ver surgir, junto com as “Filhas da Caridade”, o ramo masculino. Pe. Gaspar o encorajou, primeiro a viva voz e depois, por escrito e continuou também em seguida a apoiar e rezar pela obra que lentamente ia surgindo. Quanto Pe. Rosmini estimasse Pe. Gaspar é testemunha uma carta ao irmão onde diz: “Tenho o Pe. Gaspar como um homem santo”.

Em Verona também Teodora Campostrini havia começado a obra das “Irmãs Mínimas da caridade de Nossa Sra. das Dores” depois de um ano entre as Visitandinas de Saló e um período mais longo no retiro Canossa. Pe. Gaspar, como conselheiro, garantiu-lhe sempre a necessária assistência “em ordenar e dar forma religiosa ao nascente instituto e ao redigir e aperfeiçoar suas regras”.

COMUNIDADE EM CRESCIMENTO

A comunidade Estigmas no entanto ia aumentando. Aos 11 de novembro de 1829, depois de poucas semanas de sua ordenação sacerdotal, entrava Pe. Francisco Benciolini, jovem padre cheio de entusiasmo e de amabilidade. Aos 2 de setembro do ano seguinte foi a vez de Pe. Inocêncio Venturini que se tornaria um incomparável catequista popular,

especialmente na língua dialetal. Aos 27 de março de 1831 entrava no silêncio dos Estigmas Pe. Vicente Raimondi, professor de teologia, suscitando maravilha e admiração em toda Verona. Faziam parte da comunidade também dois seminaristas, Carlos Fedelini e Luís Biadego, que terminando o curso de teologia, prosseguiram sua formação científica que continuariam mesmo depois da ordenação sacerdotal. Pe. Gaspar não tinha nenhuma pressa em ordená-los padres; punha em ação assim o propósito que depois colocará nas Constituições: “Nesta Congregação clerical, cuja finalidade é não apenas contemplar para si, mas também transmitir aos outros as verdades contempladas, requer-se uma ciência não comum, completa o mais possível, especialmente a respeito da Fé e da Moral; portanto, é necessário que os religiosos clérigos deste Instituto se apliquem em adquirir uma competência incomum em todas as áreas do saber” (Constituição nº49). E ainda “ Em cada um dos ramos do saber haja, pois alguém ou alguns que se apliquem com estudo especial, por um tempo mais longo e com maior empenho, já que isto é de suma utilidade para se poderem exercer os diversos ministérios em favor da Igreja, sempre em consonância com os diferentes tempos e circunstâncias”. Aos 22 de abril de 1834 Pe. Gramego registra o vigésimo ingresso nos Estigmas. É um jovem de dezessete anos, João Batista Lenotti, que Pe. Gaspar acolheu “com toda expansão de seu coração fraterno”. Alguns meses depois, aos 29 de junho, era a vez de um outro estudante, Luís Ferrari. “Que fará este pombinho? Veremos se agüentará” anota ainda o cronista Pe. Gramego.

ACOLHIMENTO AMÁVEL”

O estilo de vida da comunidade continuava sendo sóbrio e essencial. Pe. Gaspar, obrigado ao leito a miúdo por causa da doença que a cada pouco se fazia presente, cuidava sobretudo da concórdia e da fraternidade de seus filhos.

Basta por todos o testemunho do veneziano Pe. Marcantônio Cavanis (fundador com o irmão Pe. Antonângelo dos “Clérigos seculares das escolas de caridade”) que freqüentemente visitava Pe. Gaspar: “A comunidade dos exemplaríssimos religiosos dos Estigmas, dirigidos pelo Pe. Bertoni, nos deu por sua bondade um acolhimento amável e está empenhada em rezar fervorosamente por nós”.

Das numerosas exortações que familiarmente Pe. Gaspar dava aos seus padres, temos indícios nas memórias escritas por Pe. Benciolini que em dialeto anota: “O senhor Pe. Gaspar nos exortou a não apegarmos às consolações presentes, nem mesmo das coisas espirituais, mas à felicidade eterna, e a manter o coração fixo no céu. Assim teremos: 1. Mais liberdade de espírito; 2. Mais merecimentos; 3. Mais boas obras; 4. Daremos mais bom exemplo”.

COM A IMPOSIÇÃO DAS MÃOS

Em 1833, Mons. Luís Castori, pró- Vigário de Verona, chegou à beira da morte por uma grave enfermidade. Uma profunda amizade o ligava a Pe. Gaspar que, sabendo da coisa, foi visitá-lo e deu-lhe a sua bênção. As condições do doente mudaram rapidamente e ele se encontrou logo são. A notícia se espalhou em breve por toda a província.

“Era agosto de 1834 – escreve o Sr. Tubildini de Stallavena – quando meu filho Marino, ainda em tenra idade, depois de ter perdido a mãe, caiu gravemente doente. O médico que o tratava e lhe conhecia a extrema fragilidade, declarou” incurável a doença e sem esperança a cura”. O meu coração, magoado pela morte de outros meus filhos, temia também este. Lembrei-me então do que aconteceu a Mons. Castori. Mandei imediatamente pedir a Pe. Gaspar uma visita ao doente e fui ouvido. Chegou, olhou-o, rezou, o abençoou, deixando-me cheio de esperança. Na manhã seguinte o médico encontrou completamente mudado o estado de saúde do menino. Depois de alguns dias de convalescença, ficou completamente curado”.

Pe. Jácomo Accordini, adoecendo gravemente, foi visitado por Pe. Bertoni que o abençoou e o exortou a esperar em Deus. O enfermo recuperou em breve a saúde já desesperada.

O Dr. Francisco Vasani, médico também dos Estigmas, afirmou que somente graças à imposição das mãos de Pe. Gaspar e às suas orações, foi miraculosamente curado de uma doença mental.

NA CORTE DE VIENA

Pe. Luís Bragato, lembrado antes, foi talvez o filho predileto de Pe. Gaspar. Entrou nos Estigmas ainda em 1818, mas no ano seguinte teve de voltar para a família por motivo de saúde. Retornou definitivamente em 1828 e mostrou-se um verdadeiro apóstolo dos jovens seja nos Oratórios como nas aulas, missionário apaixonado nas suas pregações ao povo e ao clero, diretor espiritual procurado pelo seu caráter doce e paciente.

Mas sua vida havia chegado a um ponto jamais imaginado.

Maria Ana di Savoia, esposa de Fernando I dos Absdurgos, feito Imperador na primavera de 1835, pediu como professor pessoal um padre italiano. O Imperador transferiu o pedido ao Bispo austríaco D. Grasser que correu aos Estigmas e conversou longamente com Pe. Gaspar e Pe. Bragato. Passaram alguns dias durante os quais se viam os mais anciãos conversando secretamente entre eles. Finalmente foi reunida toda a comunidade e Pe. Gaspar comunicou a decisão: “O nosso confrade Pe. Luís Bragato separar-se-á de nós e partirá para Viena...”

O acontecimento foi saudado com alegria, embora não fosse fácil para Pe. Gaspar privar-se do filho querido, com quem contava para o futuro da obra, enviando-o para longe em uma missão que não correspondia propriamente aos seus programas. Pe. Gaspar impôs a Pe. Bragato somente duas condições: sua prestação de serviço devia ser gratuita e não devia aceitar nenhum título honorífico. O ministro Metternich, porém, não achou conveniente que um “adido” à Imperatriz não recebesse honorários.

Então Pe. Gaspar proibiu Pe. Bragato de enviar mesmo um só centavo aos Estigmas; o dinheiro devia ser empregado para suas necessidades e para obras beneficentes. Pe. Bragato viveu quarenta anos no meio da pompa da corte imperial sem nada mudar do seu estilo de vida humilde e modesto, começado nos Estigmas. À sua morte foi dito: “Passou distribuindo benefícios e morreu pobre”. Seu túmulo se encontra ainda hoje no cemitério de Praga.

UMA COMUNIDADE DE SANTOS

A vida de comunidade dos Estigmas foi bem ilustrada por um escritor alemão, o sacerdote Pe. Luís Schlor, que viveu em Verona durante nove meses em 1837 e 1838. Capelão da corte imperial de Viena e confessor de Fernando I e do irmão deste, o Arquiduque Francisco, ficou enormemente impressionado com o florescimento de numerosas obras de caridade por meio de tantas pessoas santas e recolheu suas impressões num pequeno volume de título: “A filantropia da fé” ou seja “A vida da Igreja de Verona nestes últimos tempos”.

Falando dos padres dos Estigmas escreveu: “Vários padres seculares e piedosos, e em grande parte bem de vida, reuniram-se em Verona há uns vinte anos, para a própria perfeição na vida comum do claustro e na ação comunitária, e para trabalhar para a salvação dos outros conforme as necessidades e as forças. Por mais que esses padres façam retiro e do escondimento o caráter principal de sua vida e ação, todavia é tão grande e evidente o esplendor de suas virtudes e a eficácia do seu zelo, que são queridos e profundamente estimados em toda a cidade, pelo clero e pelo povo, como santos. Seu superior, Pe. Gaspar Bertoni, um venerando e amável velho muito douto nas ciências teológicas e especialmente na direção das almas, é um oráculo para os do lugar e para os forasteiros que de cidades distantes recorrem a ele por escrito ou vão pessoalmente pedir conselhos em matéria teológica ou no interesse de suas consciências. Ora esse homem de tanta sabedoria e piedade sabe com tal suavidade de maneiras e ao mesmo tempo com firmeza orientar a sua comunidade, que um só espírito anima a todos, e uma só vida, por assim dizer, em todos se difunde. Se você conversa com eles, percebe que cada um no pensamento, nos sentimentos do coração, no comportamento exterior é retrato fiel do outro. Se quer saber o que principalmente é notável neles, é a humildade, a caridade e o tratamento afabilíssimo. Vivem muito pobres e mortificados. Seus quartos e móveis são simplicísimos: mas por toda casa se percebe um tal cuidado com a limpeza que é um gosto admirá-la. A pequena igreja, que já pertenceu a uma confraria franciscana, foi restaurada maravilhosamente, e sempre brilha pelo decoro. Em muitas solenidades, o Clero da cidade vai com particular prazer a essa pequena igreja para celebrar a Santa Missa. Os próprios sacerdotes livres pregam toda semana na sua igreja e ouvem confissões, mas só de homens. Não aceitam de ninguém presente de espécie alguma. Um desinteresse assim tão grande presente nos sacerdotes, os coloca em grande reverência junto a todos. E verdadeiramente não saberia que nome mais conveniente dar a eles senão o de “pérola escondida” do clero veronês.

COMOÇÃO DO PAPA

Em 1838, sob pressão de D. Grasser que via a pequena Congregação crescer cada vez mais, Pe. Gaspar decidiu adquirir alguns bens eclesiásticos que o Estado havia confiscado e que agora colocava à venda. Tratava-se de uma propriedade, terreno e mosteiro, em Sezano e Stallavena que já pertencera aos Monjes Olivetanos. Dois dias depois da aquisição, colocou tudo à disposição do Santo Padre, Gregório XVI, com uma carta tocante pelo espírito de desapego e de santo abandono que concluía assim: “É firme vontade minha e de meus companheiros, de empregarmo-nos todos em servir Nosso Senhor

e sua Igreja, se Ele nos fizer dignos de tanto”. A fé viva e o desinteresse pelos bens, manifestos na carta, comoveram o Papa.

Em uma audiência a dois sacerdotes veroneses, mostrando a carta de Pe. Gaspar, disse: “Vejam o que me escreveu um padre veronês: esta carta me fez chorar”. O Papa fez tudo conforme o pedido.

OS MELROS DE PE. GRAMEGO

Sezano encontra-se um pouco fora de Verona, no colorido Valpantena. Por mais que os padres e os irmãos elogiassem a amenidade do lugar, não havia meios de convencer Pe. Gaspar a fazer-lhe uma visita. Um dia, depois de muitas insistências decidiu ir de carruagem ao mosteiro. Mas apenas fora da porta da cidade, ordenou ao cocheiro fazer meia volta com o cavalo e retornar para casa.

Na sua escola também os filhos aprendiam a abraçar a renúncia com ânimo sereno. Pe. Miguel Gramego trouxe de Sezano uma bela ninhada de melros. Quando já estava podendo voar, Pe. Gaspar quis vê-los e, levando-os à janela: “Vão com Deus – disse abrindo a gaiola – que o senhor Pe. Gramego lhes lhes dá a liberdade”. E Pe. Miguel imediatamente agradeceu o superior.

VISITA INESPERADA

Aos 6 de setembro de 1838, Fernando I foi coroado rei de Lombardo- Vêneto na catedral de Milão. No dia 26 do mesmo mês, o Imperador, acompanhado da esposa Maria Ana e de toda a corte, chegou a Verona para aí permanecer alguns dias. Para o Estigmas foi um grande motivo de festa: depois de três anos a comunidade poderia abraçar novamente o querido confrade de Viena, Pe. Luís Bragato. Pe. Luís Gramego anota: “Aos 26 de setembro, voltando de Milão depois da coroação, Pe. Bragato ficou conosco três ou quatro dias, feliz por descansar do enfado da corte. A comoção de Pe. Gaspar foi grande em rever o querido filho, mas foi ainda maior o assombro que o assaltou quando Pe. Bragato o informou que os soberanos, e especialmente a Imperatriz, queriam fazer-lhe uma visita.

O encontro aconteceu no dia 28 de setembro. Os soberanos se mostraram satisfeitos pelo grande bem que a comunidade dos Estigmas operava em favor dos jovens com a escola e o Oratório. A Imperatriz quis visitar também o quarto de Pe. Gaspar para conversar particularmente com o santo homem de Deus.

Ficou-lhe impressa sobretudo a austeridade e essencialidade da mobília: uma cama, uma mesa e um grande crucifixo”.

A FLOR DO CLERO VERONÊS

A fama de santidade que envolvia Pe. Gaspar aumentava sempre mais. Durante os solenes festejos pelo encontro do corpo do Patrono de Verona, São Zenão (15-21 de agosto de 1839), participaram, com três missas Pontificais, também o Patriarca de Veneza e os Bispos de Mântua e Treviso. Célebres oradores se alternaram na estupenda basílica de São

Zenão para estimular o povo à piedade e à oração. Apesar dos achaques foi chamado a falar também Pe. Gaspar: essa intervenção praticamente foi o seu testemunho espiritual aos veroneses, embora ainda lhe restassem catorze anos de sofrimento. De fato teve que ir imediatamente para a cama e foi aí que recebeu os diversos purpurados chegados de Verona e desejosos de conhecê-lo pessoalmente: o Bispo João Batista Bellè de Mântua, o Patriarca de Veneza Cardeal Jácopo Monico, o Bispo de Treviso Sebastião Soldati

Este último, saindo do quarto, sussurrou aos filhos de Pe. Gaspar que o acompanhavam: “Felizes de vocês! Têm por superior um grande santo!”

Esta estima é testemunhada também pelo Pe. Carlos Odescalchi, ex-cardeal, que havia entrado no noviciado dos Jesuítas de Verona e que, apresentando Pe. Gaspar a Mons. Antônio Maria Traversi, confessor do Papa, escreve: “Um dos mais doutos, prudentes e virtuosos eclesiásticos que eu conheci e que com outros respeitáveis sacerdotes por ele dirigidos faz um bem imenso nesta diocese”.

Apresentando a comunidade dos Estigmas ao Cardeal Constantino Patrizi, prefeito da Sagrada Congregação dos Bispos e dos Religiosos, Mons. José Bellomi, Vigário Capitular de Verona, escreve: “São o espelho e a flor do clero veronês pela piedade, pelos estudos, pelos conselhos, pelo exemplo e pelo zelo prudente e incansável, com edificação de toda esta diocese, sob qualquer aspecto”.

AS CONSTITUIÇÕES

Aos 11 de maio de 1841, em uma carta escrita ao Pe. Bragato, Pe. Gaspar acena ao empenho que, de algum tempo, é sua ocupação dia e noite: as regras de vida de sua Congregação.

“Reze muito também por todos nós, e pelo que estou escrevendo gota a gota, para que o Senhor a queira e a reverta em sua honra...”

Depois de longos anos de vida comunitária, o desígnio de Deus tomava forma nas Regras que o Pai queria deixar a seus filhos. A idéia mãe lhe veio ainda em 1817 quando a Santa Sé o agraciou com o título de “Missionário Apostólico”. Esta era a vocação do Instituto para o qual estabeleceu como fim “Missionários apostólicos na disponibilidade aos Bispos” (Constituições do Fundador, 1). Era a inspiração, sentida durante a extraordinária missão de maio de 1816 em São Firmo, que tomava forma concreta e jurídica. O estilo devia ser o de “Serviço a Deus e à Igreja totalmente gratuito” (CF 3); “Livres de dignidades, residência, benefícios e da orientação perpétua e particular de almas e de religiosos” (CF 4); “dispostos a ir a qualquer lugar da diocese e do mundo” (CF 5); “sob a orientação e dependência dos Ordinários do lugar onde se pregarem missões” (CF 2).

A conotação particular que caracteriza estas Regras é a comunhão fraterna. Das 314 Regras, 128 são dedicadas a este tema, começando pela que diz: “Todos tenham como fim e sinal da sua vocação o que disse Nosso Senhor Jesus Cristo: “Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns aos outros” (CF 187).

MORRER COMO SANTOS

Os filhos de Pe. Gaspar, modelados no seu estilo de Pai, jamais traíram sua vocação à santidade, nem mesmo na hora da morte. Os Estigmas tiveram que chorar no espaço de três semanas a morte de dois membros mais jovens. Aos 17 de fevereiro de 1842 faleceu santamente Pe. Luís Biádego. Tinha 34 anos. Foi a pessoa mais mística dos Estigmas, cândido como um menino. Todos os seus pensamentos eram para o Senhor, para os Santos Esposos Maria e José, para o Paraíso. Nos dois meses de doença que prenunciavam sua morte, disse ao confessor que queria confortá-lo: “Estou tranquilo e não me preocupo, porque já coloquei tudo nas mãos de Nossa Senhora. Ela cuidará”.

Habitado a servir os doentes da comunidade, particularmente Pe. Gaspar durante sua enfermidade, sentia-se confuso ao ver-se rodeado de tantas atenções e cuidados. Em uma de suas visitas, Pe. Gaspar recordou-lhe as palavras de São Paulo: “Nenhum de nós vive para si, e ninguém morre para si. Se vivemos, vivemos para o Senhor; se morremos, morremos para o Senhor. Quer vivamos, quer morramos, pertencemos ao Senhor” (Rm 14, 7-8).

Era a espiritualidade do confiante abandono em Deus, que amadurecida no Pai, foi depois enraizando também nos corações dos filhos.

A santa morte, junto com a dor profunda pela perda de um confrade tão jovem, foi também de grande consolação para toda comunidade, certa de haver conquistado um protetor no céu.

Três semanas mais tarde morria o estudante Luís Ferrari, “jovem de grandes esperanças, de boa inteligência e de memória tenaz”. Era de uma bondade angélica, paciente sobretudo em carregar a cruz de sua dolorosíssima enfermidade. Por umas cento e quinze vezes o cirurgião teve que recorrer a incisões para tentar curar as chagas profundas, entre sofrimentos indizíveis do paciente. Pe. Gaspar para recuperá-lo, “gastou com ele sem nenhuma economia”. Uma tarde o enfermeiro levou-lhe algo que lhe serviria de alívio. “Mas porque isto?” disse, olhando-o com um sorriso. “Eu não penso senão no Paraíso”. Faleceu aos 22 anos, no domingo cujo tema da missa é “Alegrai-vos”, dois dias depois da festa das santas Chagas de Jesus, também ele, como o divino Mestre, todo chagado por uma escrofulose irreversível.

Poucos dias depois, aos 12 de março de 1842, foi ordenado sacerdote Pe. João Batista Lenotti, crescido e formado com Pe. Gaspar desde os dezessete anos quando bateu às portas dos Estigmas depois de havê-los freqüentado como estudante. No final de 1843 adoeceu gravemente também Pe. Modesto Cainer. Em poucos meses seria tirado o afeto da comunidade aos quarenta e quatro anos. Havia entrado nos Estigmas em 1824, pouco depois da ordenação sacerdotal, e se transformou logo em amoroso enfermeiro de Pe. Gaspar, no tempo em que este sofreu numerosas intervenções cirúrgicas na perna direita. O cronista da casa o definiu “a santa Marta dos Estigmas”, referindo-se ao seu amor pelos doentes, anota: “como uma terna mãe assim os medicava piedosamente”.

A HERANÇA DAS VIRTUDES

Pe. Gaspar celebrou sua última missa aos 10 de setembro de 1843. Em seguida ficou dez anos, até a morte, sem este conforto mais querido. Não foi uma doença particular que o privou da celebração da Eucaristia, mas as pernas não o governavam mais e naquele tempo não havia permissão de celebração sentado.

Estes longuíssimos anos de doenças não foram inoperantes. Era grande o número de pessoas que recorriam a ele para um conselho ou direção espiritual. Ao seu quarto se achegavam sobretudo sacerdotes; pessoas muitas vezes em dificuldade que traziam aos seus pés dúvidas e contrariedades de todo gênero.

Também a condessa Francisca Borghetti, viúva Cartolari, mãe do Pe. Francisco, que entrou nos Estigmas em 1822, visitava freqüentemente Pe. Gaspar para aconselhar-se. Quando ela morreu em 1845, deixou no testamento sua herança aos padres dos Estigmas. Pe. Gaspar permaneceu fiel aos seus princípios e, com seus companheiros, (entre eles o filho da condessa) renunciou a toda fortuna.

Pe. Francisco seguiu a mãe pouco tempo depois. Foi atingido por violentas dores de cabeça. No início não parecia nada de grave. Improvisamente, porém, “aos 3 de julho de 1846, depois de cinco dias de penosa e perigosa doença, isto é, de encefalite, morreu no ósculo do Senhor como um anjinho – escreve Pe. Gramego – com tanto desgosto nosso que não consigo exprimir, deixando tal odor de virtude e santidade que seria preciso alguém para descrevê-lo”. Tinha 51 anos. Pe. Cartolari deixava uma grande herança avaliada em 500 mil liras austríacas (basta lembrar que com 160mil liras austríacas foram adquiridos imóveis de Sezano e Stallavena) e a deixava a Pe. Gaspar, e, no caso de renúncia, sucessivamente aos Pes. Gramego, Brugnoli e finalmente a Benciolini. Pe. Francisco acreditava que as heranças dos membros do Instituto seriam aceitas. Apenas Pe. Gaspar soube da vontade do defunto: “Oh, quanto a mim – disse – não quero nem um centavo”. E voltando-se aos companheiros: “Quanto a vocês, pensem!”. No mesmo dia foi exarado um documento de renúncia, assinado pelos Pes. Gaspar, Gramego, Brugnoli e Benciolini. Então Pe. Gaspar reuniu toda a comunidade na capela de Transfiguração, e, depois de ter acendido as velas, fez uma fervorosa exortação sobre a necessidade de seguir Cristo pobre. No final cantou-se “Te Deum” em ação de graças.

Escrevendo alguns dias depois ao Pe. Bragato em Viena, Pe. Gaspar anotava que o Senhor havia dado graça à comunidade dos Estigmas de mandar para fora de casa o “lixo” de Pe. Cartolari para ficar somente com a herança de suas virtudes.

PAI DO ESPÍRITO

O Marquês Bonifácio di Canossa, irmão de Santa Madalena, e os filhos João e Luís (este mais tarde jesuíta e depois Bispo de Verona e Cardeal), além de fazer parte do Oratório dos Estigmas, eram visitantes habituais do quarto de Pe. Gaspar. O próprio Cardeal di Canossa testemunhará mais tarde: “Quantas vezes recorri ao Pe. Gaspar para conselhos, conforto e direção espiritual. Encontrava-o constantemente com um dulcíssimo sorriso nos lábios, embora muitas vezes sofrendo”.

Em 1850 um outro jovem retirou-se nos Estigmas para alguns dias de recolhimento junto de Pe. Gaspar, em vista da vestição eclesiástica: era Daniel Comboni. Pe. Gaspar, sempre sofrendo na sua poltrona, soube transmitir ao jovem discípulo o amor a Cristo crucificado: “Nenhuma moleza é permitida a quem revestiu-se de Cristo crucificado; a veste sacerdotal não deve ser uma elegante cobertura de comodidades pessoais”. Pe. Comboni voltará ainda aos Estigmas depois da morte de Pe. Gaspar para examinar sua vocação missionária com Pe. Marani e para fazer os exercícios espirituais antes de partir para a África, mas os primeiros ensinamentos de Pe. Gaspar ficariam impressos para sempre no seu coração.

PRECISO SOFRER

Os últimos trinta meses da doença foram um contínuo martírio. Todavia ele achava sempre excessivo os cuidados dos médicos e dos seus filhos para com o mal que o estava consumindo. Era um verdadeiro tormento cada vez que devia ser virado ou mesmo tocado, por causa de uma grande chaga nas costas que lhe provocava dores atrozes. As únicas palavras que lhe saíam da boca eram uma oração ou uma jaculatória. Estava subindo lentamente o Calvário: a cruz que Deus lhe havia preparado o pregou no leito sem possibilidade de um mínimo movimento.

Nos últimos dias não estava em condição de tomar nada: só algum pedacinho de gelo para aliviar o ardor da febre.

Na manhã do último dia, domingo 12 de junho de 1853, o doente pediu a Santa Comunhão como de costume. Depois as forças foram diminuindo e ele caiu num desfalecimento profundo. O rosto tornou-se pálido e banhado de suor frio.

Com um borrifo de água fria recobrou os sentidos e a palavra “Padre- perguntou-lhe um irmão – precisa de alguma coisa?”

“Preciso sofrer” foram suas últimas palavras.

Pelas três da tarde, o sino maior dos Estigmas anunciava a Verona a morte de um santo. Naquele momento três padres de Pe. Gaspar se encontravam em outros tantos Oratórios da cidade para a “doutrina cristã” à Quarta classe. Os “missionários apostólicos” estavam no seu posto, com os jovens e os meninos do povo, para anunciar as maravilhas do Senhor.

A GLORIFICAÇÃO

A 1º de novembro de 1975, o Papa Paulo VI, na Basílica de São Pedro, em Roma, o declarou Bem – aventurado.

Catorze anos depois, 1º de novembro de 1989, o Papa João Paulo II, o colocou no rol dos Santos, provando assim que “Deus exalta os humildes”.

OS MILAGRES

Os dois milagres aprovados para a beatificação e canonização aconteceram aqui no Brasil.

- O primeiro em 1937, com o seminarista estigmatino José Anselmi, em Rio Claro: “achava-se em estado alarmante, com uma úlcera duodenal maligna que o levava aos extremos. O paciente não comia mais. A todo instante esperava-se o desenlace fatal. Porém, animado e cheio de fé engoliu uma relíquia de São Gaspar Bertoni. Seguiu-se coisa inaudita. Pediu comida, e comida forte, pois se achava curado”. E hoje ainda (1991) o encontramos em Ribeirão Preto, exercendo plenamente seu ministério sacerdotal.

- O segundo em 1981, no Rio de Janeiro, com o Dr. Mário Moreira Neves: “Durante uma cirurgia no coração, um mau funcionamento da chapa do eletrocoagulador, ocasionou uma grave queimadura na zona glútea sacral, onde se formou um abscesso com cerca de 15 por 5 cms, com uma profundidade de 10 cms, com secreção purulenta que exigiu drenagem.

Em fevereiro estava marcada uma cirurgia para resolver o abscesso. Ele recebeu uma relíquia de S. Gaspar Bertoni e passou a usá-la nos momentos de dores intensas. No dia 23, sua esposa foi fazer-lhe o curativo diário e... a gaze estava limpa, sem uma gota de pus e ferida completamente fechada”.

NA ITÁLIA, NO MUNDO

Quando Pe. Gaspar Bertoni morreu, em 1853, seus discípulos eram pouquíssimos, mas tinham uma clara consciência da vocação que pelo seu Fundador, lhes fora transmitida. Abrira-se só uma casa depois dos Estigmas: S. Maria del Giglio no bairro de Santo Estevão, sempre em Verona;... mas os “padres Estigmas” haviam recebido como herança do Pai, o “mandato” Missionário “para a diocese e para o mundo”.

Bem depressa “as vocações começaram a aumentar”. Foi aberto o noviciado em Verona e logo havia 13 noviços. As ordenações começaram a aparecer e as fundações de casas tiveram início em várias cidades da Itália: Trento, Bassano, Parma, Udine, Roma, Paiva, Gemona...

Em 1890 foram aprovadas as Constituições. Com o aumento de pessoal e a disposição de muitos, pensou-se em sair da Itália e da Europa.

Em 1905, o primeiro passo foi dado com a ida de dois confrades para os Estados Unidos, onde uma casa foi aberta em Scranton, para atender os emigrantes italianos.

Em 1910, dois padres e um irmão vieram para o Brasil.

Em 1925, foi aceita a Missão de Yih sien, na China. No fechamento desta Missão, em consequência da chegada das tropas comunistas, foi aberta a Missão na Tailândia (1952) e em seguida o horizonte missionário alargou-se com a abertura da Missão na África do Sul (1960), na Costa do Marfim (1967), na Tanzânia (1978), no Chile (1980), na Inglaterra (1972) nas Filipinas (1984).

NO BRASIL

No dia 2 de dezembro de 1910 aos Estigmatinos chegavam ao Brasil nas pessoas dos Padres Alexandre Grigolli e Henrique Adami e do Irmão Domingos Valzacchi. Depois de várias peripécias estabeleceram-se em Tibagi, no Paraná, onde trabalharam por muitos anos na vastíssima zona rural, atendendo o sertão em lombo de animal.

Vieram para São Paulo, e, em Rio Claro (1915) começaram a construção de um seminário que foi inaugurado em 1925.

Em 1935 foi ordenado o primeiro sacerdote estigmatino brasileiro e a formação religiosa passou a ser toda no Brasil, pois até então os seminaristas iam estudar filosofia e teologia na Itália.

A partir desse ano a Congregação começou a expandir-se e hoje conta com casas em vários Estados. SÃO PAULO: - Campinas, Rio Claro, Marília, Barretos, Casa Branca, Itararé, Praia Grande, Ribeirão Preto, São Paulo, São Caetano do Sul. MINAS GERAIS: - Ituiutaba, Uberaba, Belo Horizonte. GOIÁS: - Morrinhos, Goiânia, Luziânia. RIO DE JANEIRO:- Santa Cruz e Quinta da Boa Vista. BAHIA: - Livramento de Nossa Senhora, Ituaçu. PARANÁ: - Curitiba, Santo Antônio do Sudoeste, Guarapuava. DISTRITO FEDERAL: - Brasília (plano Piloto). MATO GROSSO: - São Felix do Araguaia e Vila Rica (como postos de missão).

A Congregação dos Estigmatinos é formada de Padres e Irmãos.

Eles existem na Igreja para serem:

MISSIONÁRIOS APOSTÓLICOS A SERVIÇO DOS BISPOS;
PREGADORES DA PALAVRA DE DEUS;
FORMADORES DA JUVENTUDE.



Missões Populares Estigmatinas

JOVEM,

VOCÊ QUE AMA A VIDA,
VOCÊ QUE CRÊ NUM DEUS JUSTO E BOM,
VOCÊ QUE SE SENTE FELIZ SERVINDO;
TEMOS UMA PROPOSTA:

VENHA SER ESTIGMATINO CONOSCO!

ESCREVA para o

Secretariado Vocacional Estigmatino

em um dos seguintes endereços:

Rua C- 136, n.º 760
Jardim América
74275-050 Goiânia – GO

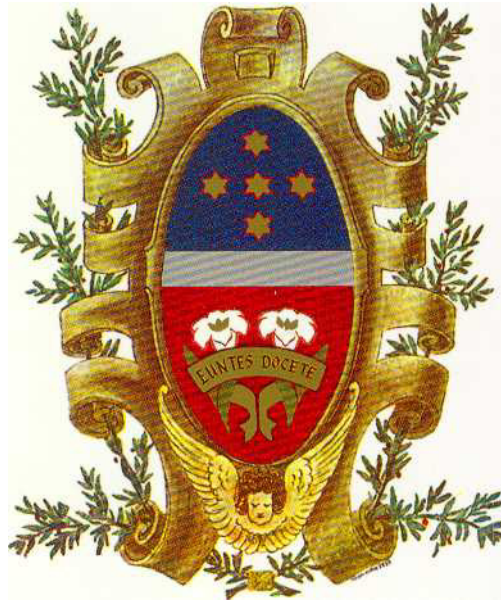
Tel.: (62) 253-1249

Avenida Padre Gaspar Bertoni, 300
Jardim Interlagos
13033-480 Campinas – SP

Tel.: (19) 3241-0183

“Vemos nesta afável
e previdente figura
o apóstolo dos jovens,
que também hoje
indica o caminho
a seguir
para um futuro
seguro da sociedade.”

Papa Paulo VI



CONGREGAÇÃO DOS ESTIGMATINOS
